



Meu filho cada vez mais inteligente? (2)

Raramente escrevemos esta página para o Energia como capítulo. Buscamos, ao contrário, fazer esforço de síntese e, em artigo único, colocar pensamentos e experiências na espera de aprovação e troca. O último texto, entretanto, representou exceção. Tema muito vasto, terminamos com o anúncio de que com este se buscaria esgotar o assunto. Por essa razão se volta ao tema da inteligência e, depois de se reiterarem as sólidas bases científicas que comprovam que o cérebro pode, pela educação, transformar-se para melhor, é importante destacar qual papel nessa linda missão cabe aos pais.

A primeira resposta, ainda que simples, exige paciência e persistência. Toda criança e todo adolescente necessitam sempre encontrar em casa adultos que façam perguntas, que proponham desafios, que multipliquem interrogações. Não estamos nos referindo a perguntas óbvias, cuja resposta antecipadamente se sabe, mas a perguntas intrigantes e desafiadoras, que instiguem o pensar, que levem o cérebro a transitar pelo inimaginável. “Fale-me de seus sonhos”. “Conte-me de seus projetos”; “Que livro está lendo?”; “O que existe de intrigante e desafiador nesses personagens?”; “Que tipo de filme gostaria de fazer?”; “Se não fosse você mesmo, o que gostaria de ser?”. A listagem de questões é infinita, e o importante não é selecionar esta ou aquela, mas incorporar uma ação frequente e diária de conversas gostosas e desafios que instiguem pensamentos, que provoquem emoções.

Na mesma linha dessa ação, é essencial que pais e mães busquem saber o que seus filhos estão aprendendo e se tornem cúmplices ao sugerirem que opinem sobre essas questões. Não se trata apenas de cobrar resultados, exigir notas, reclamar desempenho. Ao lado dessa cobrança, é essencial um mergulho, ainda que por alguns minutos, em seus livros e em seus cadernos ou fichários, jamais para “investigar” o que andam escrevendo, mas para com curiosidade desejar compartilhar informações, debater teorias, realmente deixar no filho a sensação de que, se como adultos temos o que ensinar, como seres humanos somos e seremos sempre curiosos aprendizes.

Essa ação interrogativa agita neurônios e, se inicialmente causa aparente desinteresse da criança, aos poucos vai servindo para que ela descubra em seus pais outro modelo, outra gostosa maneira de compartilhar não apenas tristezas e alegrias em momentos inesperados, mas ideias, sonhos, sentimentos e pensamentos cotidianos. Mas tão importante quanto essa ação é jamais omitir aos filhos o abastecimento de sua imprescindível alta autoestima, sempre proporcionando doses moderadas mas frequentes dos três “E”: elogio, exemplo e ensino prático do “não”.

Houve tempos em que se acreditava que a autoestima era querer bem a si mesmo. Novos estudos sobre a psicologia e a neurologia humana mostraram novos caminhos. Autoestima é desenvolver orgulho de si próprio, e este não se estabelece senão quando se cresce com uma educação que sabe reconhecer acertos, aplaudir sucessos, valorizar esforços. Não se trata, é evidente, do elogio gratuito, da bajulação estéril ou do suborno incosequente, mas de um olhar ao mesmo tempo severo e carinhoso, para a coragem de reprimir excessos e aplaudir esforços. Mas, se o elogio é essencial, não é menos importante o bom exemplo, não apenas das ações assumidas, mas do destaque dado a esta ou àquela pessoa que mostre perseverança, neste ou naquele ídolo que não tema a solidariedade, neste ou naquele capítulo no qual com sobriedade se comenta o quanto nos encantam o trabalho, a dignidade, a coragem, o otimismo, a autoconfiança e toda uma série de valores que sempre se apresentam ao nosso lado, desde que os queiramos olhar.

Como destacamos anteriormente, são atitudes simples mas que exigem reflexão e, em alguns casos, até mesmo leve mudança de hábitos, sempre pensando-se naquele outro com o carinho de sentir-se responsável por parte de sua felicidade. Mas que esse amor sincero não esconda a importância inefável de ensinar regras e de dizer “não” com firmeza toda vez que essa palavra precisar ser dita. Afetividade não se confunde com presentes e jamais dispensa a certeza de que a tão necessária “segurança” se constrói aos poucos, quando crianças e adolescentes descobrem em seus pais a sobriedade para contrapor quando desejável a ternura do “sim” e a essencialidade muitas vezes indispensável de um “não”.

(Professor Celso Antunes. Especial para o Sistema de Ensino Energia.)



Nota de esclarecimento: Por questões de direitos autorais a impressão ou a cópia textual desse arquivo foram desabilitadas. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização, por escrito, do Sistema de Ensino Energia - Unidade Florianópolis.